

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUZIA DE QUEIROZ CASSIANO

O REGIONALISMO NAS OBRAS O QUINZE E VIDAS SECAS

CURITIBA

2011

LUZIA DE QUEIROZ CASSIANO

O REGIONALISMO NAS OBRAS O QUINZE E VIDAS SECAS

Trabalho apresentado à disciplina Metodologia da Pesquisa Científica, como parte dos requisitos para a obtenção do título de especialista no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Mídias Integradas na Educação, Coordenação de Integração de Políticas de Educação a Distância da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a MSc. Orly Marion Webber Milani

CURITIBA
2011

DEDICATÓRIA

Aos meus pais: Argemiro e Zizinha
Irmãos: Eunice, Maria, Ivone e Alceu
Filhos: Dicléia e Flávio. Esposo João,
Genro José Carlos Netos:
Louizy Carla e Leonardo

AGRADECIMENTOS

Quero primeiramente agradecer a Deus, meu suporte de fé.

Aos meus pais, irmãos, esposo, filhos, netos e a toda minha família pelo apoio e incentivo em mais essa etapa de minha vida.

Aos professores do curso de Mídias Integradas na Educação pela paciência na orientação e incentivo durante as atividades dos módulos.

Especialmente a minha professora e orientadora Orly Marion Webber Milani que não mediu esforços para que eu pudesse concluir essa pesquisa.

Aos amigos e colegas, em especial a Sonia Maria Furlan Sossai, pelo incentivo e pelo apoio constantes.

Aos que de alguma forma fizeram parte dessa conquista,

Muito obrigada!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELA1 – PREFERÊNCIAS DO LEITOR	18
GRÁFICO 1 – PREFERÊNCIAS DO LEITOR	18
IMAGEM 1 - CASAL DE RETIRANTES	19
IMAGEM 2 - POMBA ASA BRANCA	26
IMAGEM 3 - SECA NO CEARÁ I	26
IMAGEM 4 - SECA NO CEARÁ II	26
IMAGEM 5 - CAPA DO LIVRO VIDAS SECAS	27
IMAGEM 6 – CAPA DO LIVRO O QUINZE	31
IMAGEM 7 – PENDRIVE	32
IMAGEM 8 - TV MULTIMÍDIA	33
IMAGEM 9 - ALUNOS EM SALA DE AULA	33
IMAGEM10 -GRACILIANO RAMOS, JOSÉ OLYMPIO E CÂNDIDO PORTINARI..	42
IMAGEM 11 - CRIANÇA MORTA DE CÂNDIDO PORTINARI CRIANÇA	42

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	7
1 INTRODUÇÃO.....	8
2 LITERATURA.....	9
2.1 Conceituando literatura.....	9
2.2 A literatura segundo as DCEs	10
2.3 A Estética da Recepção	11
2.4 O romance	12
2.4.1 Categorias narrativas	13
2.4.2 O romance no Brasil	14
2.4.3 O romance regionalista	14
2.4.4 O romance de 30	15
3 O LEITOR	17
3.1 A formação do leitor	17
3.2 O leitor e suas preferências	18
4 O MÉTODO.....	19
4.1 O Método Recepcional	20
4.2 Os horizontes de expectativas	21
4.3 Determinação do horizonte de expectativas	21
4.4 Atendimento do Horizonte de Expectativas	22
4.5 Ruptura do horizonte de expectativas	22
4.6 Questionamento do Horizonte de Expectativas	22
4.7 Ampliação do Horizonte de Expectativas	23
5 CAPÍTULO IV - METODOLOGIA	23
5.1 Proposta Metodológica do Método Recepcional	23
5.2 A Tecnologia como suporte pedagógico	31
5.3 O pendrive.....	32
5.4 A TV - Multimídia (Tv-Pendrive).....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38
ANEXOS	41

ANEXO 1	42
ANEXO 2	44
ANEXO 3	45
ANEXO 4	47

Resumo

Esta é uma proposta de estudo do regionalismo na Literatura Brasileira, pensado a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção. A proposta busca a formação de um leitor capaz de sentir e de expressar o que sentiu, com condições de reconhecer, nas aulas de literatura, um envolvimento de subjetividades pela tríade obra/autor/leitor, em um processo interativo. O foco é a denúncia social presente nos romances *O quinze*, de Rachel de Queiroz, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. O objetivo do trabalho foi focar a linguagem como prática social por meio da leitura crítica das duas obras, com alunos do Ensino Médio. A discussão está voltada para a visão denunciadora presente nas duas narrativas modernistas dos anos trinta, no intuito de estabelecer pontos marcantes da tradição e da violência na narrativa regionalista, tais como a miséria do sertão, a brutalização do nordestino, os conflitos de gerações e a fome compartilhada pelo ser humano e pelos animais.

Abstract

This proposal is a study of regionalism in Brazilian Literature, thought from the theoretical assumptions of the Aesthetics of Reception. The proposal seeks the formation of a reader able to feel and express what I felt, were able to recognize, in literature classes, an involvement of subjectivity by the triad work / author / reader, in an iterative process. The focus is social critique present in the novels, *The fifteenth day* of Rachel de Queiroz and *Barren Lives*, Graciliano Ramos. The objective was to focus on language as social practice through the critical reading of the two works with high school students. The discussion is focused on this vision in both denouncing the modernist narrative of the thirties in order to establish points of the tradition and regionalism in the narrative of violence, such as the poverty of the hinterland, the brutalization of the Northeast, the generational conflict and hunger shared by humans and animals.

1 INTRODUÇÃO

É através do exercício da literatura que o homem tem a verdadeira liberdade de criar e transformar uma realidade. A literatura permite que o leitor vivencie situações diferentes daquelas da vida real. De acordo com o jornalista Zarcillo Barbosa, “o reduto asfixiante que é a nossa vida real abre-se e saímos para sermos outros, para viver experiências que a ficção transforma como nossa” (2010). É assim que a leitura de um romance, um conto ou uma crônica permite ao leitor vivenciar uma personagem e poder compreender o outro, logo a literatura permite àquele que lê pensar e até organizar a complexidade que é a vida.

A leitura de uma obra literária é um convite à busca de conhecimento e a descoberta de novas emoções. Esta proposta de ensino da literatura para o ensino médio propõe a leitura de duas obras literárias com o objetivo de trabalhar a leitura literária de forma reflexiva sobre questões sociais presentes nos romances *O quinze* de Rachel de Queiroz e *Vidas secas* de Graciliano Ramos de modo que o leitor se aproxime tanto a historicidade dessas obras quanto das suas qualidades estéticas e sinta o efeito que a mesma provoca em quem lê.

Literatura, segundo Cosson (2006, p.17), é uma experiência que permite ao leitor saber, experimentar e ver a vida pelos olhos de outra pessoa, ou seja, é possível enxergar uma realidade diferente da sua, a do autor. É exatamente na união da realidade do escritor com a realidade do leitor, através do ato da leitura que se afirma: o leitor é coautor do texto. Eis o motivo pelo qual, quando se trata de Literatura, o leitor é colocado na posição de figura central da pesquisa literária.

O significado de experiência estética está dentro da concepção do observador, de acordo com o repertório e capacidade de cada um, ou seja, o processo de produção de sentido. O sentido realiza-se na junção desses dois momentos: o implicado pela obra e o trazido pelo leitor de uma determinada sociedade. O leitor procura discernir, como expectativa e experiência se encadeiam, pois são esses os motores do processo de significação. É por isso que a obra nunca é a mesma, ou seja, cada vez que é lida, a leitura do texto é outra.

A literatura é uma modalidade de arte, portanto, um meio de comunicação entre as pessoas e os povos das mais diferentes épocas. Ela proporciona um tipo de experiência única, visto que transmite os conhecimentos e a cultura de uma

comunidade. Por desenvolver uma proximidade com a leitura e a escrita, a literatura permite que o leitor identifique as marcas do momento em que esses textos foram escritos, logo os textos literários ajudam o homem a compreender e a refletir sobre as próprias mudanças de comportamento. As manifestações que fluem do interior das personagens e que abordam sentimentos, conflitos, ideologias, concepções e valores das sociedades estão representados nas obras literárias *O Quinze* de Rachel de Queiroz e *Vidas secas* de Graciliano Ramos. A leitura literária dessas obras, com o apoio dos recursos tecnológicos permite uma reflexão sobre questões teóricas, estéticas, políticas e sociais. O estudo do Regionalismo brasileiro a partir dos dois romances possibilita a realização de leitura crítica com reflexões a cerca do regionalismo presente nessas obras possibilitando a ampliação da cosmovisão do leitor e propiciando interação com outros textos para abrir novos horizontes na imaginação e no senso crítico do leitor. Em relação às práticas pedagógicas, essas ofereceram aos alunos, contribuições significativas através do uso de diversas linguagens (sonora, visual, audiovisual, digital) com oportunidade de compreensão dos textos e dos conteúdos estudados e ainda possibilita ao professor maior criatividade no planejamento e desenvolvimento de suas práticas em sala de aula.

2 A LITERATURA

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região, mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. (Machado de Assis)

2.1 Conceituando literatura

Pensar a arte literária significa voltar-se para a visão de mundo do autor. De acordo com o Dicionário Aurélio (1975), a palavra literatura se origina da forma latina *littera*, que significa letra (sinal gráfico). Mas esse conceito foi se modificando com o

passar do tempo, isso porque não atende mais ao que se pode entender por literatura na atualidade. E se para o saber popular, literatura “pode ser entendida como um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem”, para definir literatura, hoje, é preciso pensar em algo mais complexo, visto que ela se relaciona com as artes da gramática, da retórica e da poética.

O significado do texto literário, como observa Stierle (2002), “é apreensível não pela análise isolada da obra, nem pela relação da obra com a realidade, mas tão-só pela análise do processo de recepção, em que a obra se expõe, por assim dizer, na multiplicidade de seus aspectos”, logo, a leitura literária pressupõe o espaço de interação com o leitor. Dessa forma, quando Mikhail Bakhtin (1992) enfatiza o caráter dialógico de toda enunciação verbal, está defendendo a ideia de que em tudo que é falado está presente o ponto de vista do falante e do interlocutor.

2.2 A literatura segundo as DCEs

De acordo com as DCEs de Língua Portuguesa, a literatura, como produção humana, está ligada à vida social e sua função social retrata os diversos segmentos da sociedade por ser representação social e humana. Essas Diretrizes (2009) propõem, a partir desse conceito,

que o ensino da literatura seja pensado a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito, visto que essas teorias buscam formar um leitor capaz de sentir e de expressar o que sentiu, com condições de reconhecer, nas aulas de literatura, um envolvimento de subjetividades que se expressam pela tríade obra/autor/leitor, por meio de uma interação que está presente na prática de leitura. A escola, portanto, deve trabalhar a literatura em sua dimensão estética. Trata-se, de fato, da relação entre o leitor e a obra, e nela a representação de mundo do autor que se confronta com a representação de mundo do leitor, no ato ao mesmo tempo solitário e dialógico da leitura. Aquele que lê amplia seu universo, mas amplia também o universo da obra a partir da sua experiência cultural. (DCEs, 2009, p.58)

No livro, *Estética da Recepção e História da Literatura*, Regina Zilberman (1989) expõe a nova perspectiva dos estudos literários como uma tentativa de familiarizar o leitor brasileiro com as teorias literárias de Hans Robert Jauss, expostas na Alemanha em 1967. De acordo com essas teorias, é preciso haver uma integração da teoria da literatura com a história da literatura. Jauss defendia uma história da literatura que fosse além da valorização, vida e obra, numa sucessão temporal, mas que aproximasse tanto a historicidade das obras quanto as suas

qualidades estéticas levando em conta a recepção, ou seja, o efeito que a obra provoca no leitor.

2.3 A Estética da Recepção

A Estética da Recepção, em relação à teoria literária, oferece um leque de sugestões, sobretudo, à história da literatura. A autora constata que

cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fato social - uma medida comum localizada entre essas reações particulares; este é o horizonte que marca os limites dentro dos quais uma obra é compreendida em seu tempo e que, sendo 'trans-subjetivo', 'condiciona a ação do texto' (ZILBERMAN, 1989, p. 34).

De acordo com cada período histórico, a produção literária vai se modificando. Essas modificações estão nas técnicas de produção, nos modos de recepção, na definição desta como prática social e na atividade humana. Logo, por trabalhar a palavra, as obras literárias comunicam as experiências do ser humano. Mesmo que não tenha essa finalidade, as manifestações presentes numa obra literária podem abordar os sentimentos, os conflitos, as ideologias, as concepções e os valores dessa sociedade.

Segundo Cosson (2006), a literatura é uma experiência que permite ao leitor saber, experimentar e ver a vida pelos olhos de outra pessoa, isso quer dizer que o leitor pode enxergar uma realidade diferente da sua, a do autor. Desse modo, a recepção está diretamente ligada à forma como a obra é recebida pelo leitor e ao tipo de leitor que poderá ler e compreender a obra literária.

Como já foi apontado, este estudo propõe um trabalho relacionado à leitura de romances. A palavra romance, segundo Massaud Moisés (1978), pode ter origem no vocábulo *romans*, forma derivada de *romanicus*, ou pode ter vindo de *romanice loqui*, ou seja, falar românico (falar latino empregado na região do Lácio).

Esse termo originalmente designava a linguagem do povo, no entanto, mais tarde passou a rotular as composições literárias de caráter popular (narrativas de aventuras imaginárias e fantásticas). Na Idade Média, o termo foi usado literariamente na França, Espanha e Portugal para designar a poesia épica ou simplesmente a narrativa. Foi a partir do século XVIII que a palavra "romance"

passou a ter o sentido que hoje lhe é atribuído. Tavares (1989). É por isso que, na concepção dos autores pesquisados e estudados, a forma literária do romance se apresenta relativamente moderna.

2.4 O romance

Dominar os conhecimentos básicos relacionados ao romance, ao conto, à novela e a outros gêneros narrativos possibilita, ao leitor, uma análise mais crítica e mais fundamentada no que se refere à leitura literária. A ação faz parte da estrutura do romance pressupondo a existência de personagens e de espaço ligados à ação e aos demais elementos da narrativa. É no espaço que as personagens circulam e onde se desenvolvem as ações. A respeito da categoria espaço, Massaud Moisés argumenta que

contraindo-se o horizonte geográfico das personagens, urge propiciar condições para que os dramas surjam. Não raro, vemos que esses nascem de causas exteriores àquela circunstância: o atrito estabelece-se entre o que as personagens trazem nas mentes, mais do que entre as razões de momento. (MOISÉS, 1978, p.103)

Um romance pode comportar diversos assuntos: históricos, psicológicos, experimentais, cientificistas, de aventuras e os sentimentais voltados para o sentimento amoroso com um final quase sempre trágico Tavares (1989). O romance, que nos seus primórdios contava histórias de cavaleiros em luta com feiticeiros, gigantes e dragões, passou a narrar conflitos amorosos de pastores e pastoras fornecendo uma ilusão da realidade Schüler (1989). Mas se a espécie “romances bucólicos” desapareceu ou quase não existem mais, outras formas novas passaram a existir, como o romance da droga e da contestação entre outros. Ainda conforme Schüler (1989),

a ampliação dos leitores determinou a diversificação temática da produção romanesca. Walter Scott reanimou episódios perdidos nos desvãos da história; Goethe acompanhou as peripécias de um jovem, Wilhelm Meister, na formação do caráter e nos embates da vida; Stendhal se deteve nos conflitos dos que, numa sociedade competitiva, se atiram apaixonadamente à ascensão social; Balzac construiu amplo painel de caracteres da sociedade parisiense; Flaubert desvendou os sonhos dos que não se conformam com a vida medíocre; Zola procurou em ambientes sórdidos a verdade da natureza humana. Surge, assim, o romance histórico, o romance de formação, o romance psicológico, o romance social, o romance realista, o romance naturalista. (Schüler,1989, p.7)

Observa-se, assim, uma proliferação de assuntos e temáticas, desdobrando-se em muitas classificações tais como a seca, a cana-de-açúcar, o cacau, os costumes, a fome, a cultura de uma determinada região, entre tantas outras.

O romance participa da exploração da nossa vida psíquica profunda. Ele dá testemunho de lutas individuais e coletivas. Contra o sofrimento, a fatalidade econômica, a servidão política, a morte, ele proclama a dignidade, o direito à vida e à liberdade do espírito: o romance do nosso tempo tem, com frequência, vocação metafísica (BOURNEUF e OUELLET, 1976, p.8).

De acordo com Massaud Moisés o objetivo essencial do romance consiste em

“reconstruir, recriar o mundo. O romance não fotografa, mas recria; não demonstra ou repete, reconstrói, a seu modo, o fluxo da vida e do mundo, uma vida sua, um mundo seu, recriados com meios próprios e intransferíveis, conforme uma visão particular, única original” (MOISÉS, 1978, p. 97).

É por esse motivo que a sensibilidade dos grandes escritores de romance se volta para a decadência ou a dissolução de uma sociedade.

2.4.1 Categorias Narrativas

Para estudar e debater o gênero romance é importante conhecer alguns conceitos ou categorias que possibilitam uma análise mais própria da narrativa. Entender esses elementos estruturais da narrativa fornece matéria para a argumentação possibilitando ao aluno, na análise literária, a defesa de um ponto de vista. Se por um lado a análise literária é importante por proporcionar ao leitor a desmontagem do texto, no sentido de explicar a sua construção (as partes), também possibilita o entendimento da articulação do conjunto (o todo). Esses são dois pontos importantes e fundamentais no estudo do texto.

Para a análise do romance, as categorias fundamentais são: personagens (quem participou ou observou o ocorrido), tempo (quando o fato ocorreu), espaço (onde o fato se deu), ação/enredo (o que se vai narrar), narrador (é o porta-voz do autor para contar a história, portanto o narrador faz parte do universo ficcional da obra) e foco narrativo (ponto ou ângulo através do qual o narrador conta o fato). Narrar é, portanto, contar um fato que pode ser real ou imaginário e que ocorreu envolvendo determinados personagens, em local e tempo definidos. Um texto

narrativo conta um fato que se passou em um determinado tempo e lugar. A narração existe na medida em que há uma ação a qual é praticada pelos personagens reais ou fictícios.

2.4.2 O romance no Brasil

No Brasil, o iniciador do romance, foi Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, com *O Filho do Pescador*, mas foi com a obra *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo que o romance ganhou espaço. Foi, todavia, a partir das primeiras manifestações de 1926, quando se encontraram os escritores nordestinos, que surgiu o desejo de se fazer uma prosa regional consistente e participativa. É dessas primeiras manifestações que surgiria um dos momentos mais importantes e, pode-se dizer o mais “autêntico da literatura brasileira”, o Romance de 30.

Regionalismo quer dizer o conjunto das particularidades linguísticas de uma determinada região geográfica, as quais são decorrentes da cultura ali existente. Uma das principais expressões é o dialeto. As raízes do regionalismo na literatura ocidental estão no romantismo, cujos padrões estéticos foram assimilados. Entre os elementos do romantismo estavam a valorização da natureza, os temas patrióticos e as viagens a terras distantes, que contribuíram para o aparecimento dos romances históricos, dos temas exóticos e, mais tarde, do romance regionalista.

2.4.3 O romance regionalista

A tendência denominada “regionalista”, em literatura, está vinculada a obras que expressam regiões rurais e nelas situam suas ações e personagens, procurando expressar seu momento, lugar, bem como suas particularidades linguísticas. A principal característica do regionalismo está na oposição entre o meio rural e o meio urbano.

Romances retratando os costumes, pessoas e ambientes surgiram em meados do século XIX, com as obras de José de Alencar, de Bernardo Guimarães, de Alfredo d'Escragnole Taunay e de Franklin Távora. O romance regionalista percorreu extenso caminho, desde o Romantismo passando pelo Realismo e chegando ao Modernismo com Érico Veríssimo, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz, entre outros escritores.

Regionalismo pode ser entendido como a literatura que foca uma determinada região, com o objetivo de retratá-la, podendo ser de maneira mais superficial ou mais profunda.

De acordo com Letícia Malard (1981), o Regionalismo

consiste em apresentar o espírito humano, nos seus diversos aspectos, em correlação com o seu ambiente imediato, em retratar o homem, a linguagem, a paisagem e as riquezas culturais de uma região particular, consideradas em relação às reações do indivíduo, herdeiro de certas peculiaridades de raça e tradição. (MALARD, 1981, p.124)

Embora não tenham sido ditas no século XIX, as palavras da autora trazem uma concepção do homem romântico e as contingências sociológicas do século XX. Para ela, o regionalismo é determinado pela combinação de diversos fatores como a retratação das riquezas culturais de uma região em obras centradas na verossimilhança. Na ficção, o ato de produzir requer que o autor conheça o assunto a ser explorado por ele dando ao leitor uma proximidade com o real ou semelhança com a realidade, ou seja, precisa dar a impressão da verdade.

2.4.4 O romance de 30

O romance de 30 abordou questões sociais bastante graves: a desigualdade social; a vida cruel dos retirantes; os resquícios de escravidão; o coronelismo, apoiado na posse das terras; os problemas sociopolíticos das várias regiões retratadas. Como é o caso de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, considerado regionalista por apresentar cenas e episódios característicos da região, com a procissão de pedir chuva, intensa preocupação social, a temática da seca e a fome como consequência, entre outros. Do mesmo modo, Graciliano Ramos focaliza a seca nordestina em *Vidas Secas*. Neste sentido, são pertinentes as palavras de Antonio Candido sobre a literatura como fator indispensável de humanização do leitor:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, p. 249)

Por isso é que, voltando às DCEs de Língua Portuguesa (2009) que afirmam ser necessário propiciar o desenvolvimento de uma atitude crítica que leva o aluno a perceber o sujeito presente nos textos, e com base nas palavras e no pensamento de escritores tão importantes no contexto literário brasileiro, entende-se que é preciso ensinar a ler e mais, é preciso ensinar a ler literatura, visto que a palavra tem o poder de encantamento.

Importa muito que se entenda que a literatura, além de abordar os fatos históricos proporciona o amadurecimento da consciência crítica e social e humanizadora do aluno, na sala de aula. É preciso, ainda, fazer com que a literatura se abra para o saber cotidiano e contemple atividades que envolvam o conhecimento prévio do aluno para que, além de provocar experiências transformadoras nesse leitor, possa ainda ampliar seus horizontes, considerando o contexto de produção sócio-histórico, a finalidade do texto, o interlocutor e o gênero. Isso sem deixar de levar em conta que para o encaminhamento da prática da leitura, é preciso considerar o texto que se quer trabalhar e, então, planejar as atividades.

Assim,

do ponto de vista pedagógico, não se trata de ter no horizonte a leitura do professor ou a leitura historicamente privilegiada como parâmetro de ação; importa, diante de uma leitura do aluno, recuperar sua caminhada interpretativa, ou seja, que pistas do texto o fizeram acionar outros conhecimentos para que ele produzisse o sentido que produziu; é na recuperação desta caminhada que cabe ao professor mostrar que alguns dos mecanismos acionados pelo aluno podem ser irrelevantes para o texto que se lê, e, portanto, sua “inadequada leitura” é consequência deste processo e não porque se coaduna com a leitura desejada pelo professor (GERALDI, 1997, p.188).

Levando-se em conta as teorias da recepção, entende-se que o sentido que o leitor dá ao texto lido não pode ser algo rígido pretendido ou predeterminado pelo autor. Sabe-se que o horizonte de expectativas varia de leitor para leitor, visto que cada um possui reações variáveis e dinâmicas. O objeto literário, aqui entendido, realiza-se na interação com o interlocutor, na medida em que esse leitor reage aos estímulos do texto e, assim, passa a construir sentidos naquilo que lê e passa a estabelecer conexões, misturando o seu universo ao universo textual.

3. O LEITOR

Cada leitor tem uma maneira especial de ler. Alguns leem imagens, uns leem o fim para depois ir ao começo, outros não leem mais do que três ou quatro páginas e outros iniciam uma leitura e não conseguem se separar da obra por um instante, até a última página. O leitor que por muito tempo foi ignorado pelos poetas e escritores em geral, passou a ter uma atenção especial a partir da década de 80 com as novas teorias literárias, visto que sem o leitor a obra não existe de fato. Logo, para que uma obra se concretize ela precisa ser lida, interpretada e principalmente comparadas com outras obras já lidas por esse leitor. Mesmo o ato de ler sendo individual, ao fazer uma leitura o leitor levará consigo outras experiências de leitura anteriores, ou seja, o leitor é responsável pela atualização dos textos.

3.1 A formação do leitor

Trabalhar a formação do leitor precisa ser uma das principais preocupações dos professores e dos projetos pedagógicos, pois priorizar as leituras em vários níveis torna o processo mais eficiente, o que leva o leitor a ampliar suas habilidades. É durante as leituras realizadas pelo aluno que se concretiza a obra literária, pois lendo ele atribui significados à obra. Essa significação parte da experiência individual e das influências cultural, social e histórica do momento em que o texto é recebido, propiciando ao leitor o aprofundamento dos seus conhecimentos, fazendo com que ele se distancie do senso comum.

Assim as teorias da Estética da Recepção estão evidenciadas como um caminho para realizar o trabalho da leitura do texto literário em sala de aula, onde o professor poderá abrir espaço para o aluno expor suas idéias, impressões e, até mesmo, suas decepções, bem como desenvolver suas habilidades de reflexão e interpretação. Isso porque, pensar o ensino de literatura na escola é preciso pensar na formação do leitor.

3.2 O leitor e suas preferências

Pensar na formação de um leitor competente é preciso investir em práticas de leitura. Com certeza, é necessário organizar um trabalho voltado para a diversidade de textos os quais atendam ao gosto dos educandos.

A tabela e gráfico que seguem apresentam os gostos dos alunos por diversos tipos de leitura. A pergunta foi feita para 32 alunos da 2ª série do EM matutino. “Das tipologias citadas qual você prefere ler”? A imagem representada na figura de um casal de pessoas simples também pode ser lida. Ela dará suporte ao debate ao ser tratado o texto não verbal.

Contos	Histórias em quadrinhos	Romances	Poesia
5	4	10	13

TABELA 1 – PREFERÊNCIAS DO LEITOR
 FONTE: O AUTOR (2010)

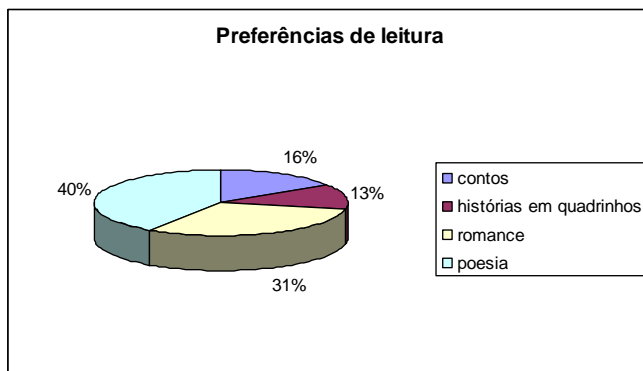


GRÁFICO 1 - PREFERÊNCIAS DO LEITOR
 FONTE: O AUTOR (2010)



IMAGEM 1 - CASAL DE RETIRANTES
FONTE: PORTAL DIADIAEDUCAÇÃO (20/10/2010)

O resultado da pesquisa revela que a tipologia textual escolhida pela maioria dos alunos é oferecida pela biblioteca da escola. Logo, é uma grande oportunidade para estimular o gosto pela leitura dos romances sugeridos neste trabalho, uma vez que 31% deles já demonstram ter preferência por essa tipologia de texto. A maior porcentagem, 40%, diz gostar de ler poesia. Os dois romances escolhidos não são muito extensos e são organizados de forma bastante emotiva. Além disso, as imagens escolhidas abordam e ilustram questões polêmicas do cotidiano sendo, portanto, suporte à interpretação do conteúdo estudado orientando o debate entre os alunos. Então não foi difícil motivar os educandos para a leitura de um texto que fala de questões sociais bastante graves tão próximas da realidade desses alunos.

4. O MÉTODO

De acordo com o Dicionário Aurélio Online (2010), a palavra método tem origem grega e quer dizer meta, caminho ou processo para se atingir um objetivo. Método é, portanto, uma ação planejada embasada em procedimentos previamente conhecidos. Em se tratando de leitura os métodos são os diferentes modos de

proporcionar aprendizagem da leitura literária pautados por um conjunto de regras básicas para desenvolver uma experiência a fim de produzir um novo conhecimento.

4.1 O Método Recepcional

O ensino de literatura no nível médio, na maioria das escolas, apresenta um distanciamento entre as formas de abordagem do texto literário e o que se espera que os alunos aprendam. Assim, em se tratando da formação do leitor da literatura na escola, a teoria da Estética da Recepção é uma corrente que pode ampliar os horizontes de expectativas, visto que o método parte das preferências dos educandos. Como mencionado anteriormente, na obra *Estética da Recepção e História da Literatura*, (1989), Regina Zilberman apresenta de forma facilitada as teorias literárias de Hans Robert Jauss, segundo as quais o estudioso denunciava a fossilização da história da literatura. Segundo o teórico alemão (1994), a literatura precisa ser libertadora, ou seja, é preciso haver interação entre o texto e o leitor. O leitor pode reconhecer-se no outro, isso faz com que se rompa o seu individualismo e seja promovida a ampliação dos seus horizontes e da sua visão de mundo.

A experiência da leitura logra libertá-lo das opressões e dos dilemas de sua práxis de vida, na medida em que o obriga a uma nova percepção das coisas. O horizonte de expectativas da literatura distingue-se daquele da práxis histórica pelo fato de não apenas conservar as experiências vividas, mas também antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social, rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para a experiência futura. (JAUSS, 1994, p. 52)

Desse modo Jauss reafirma que o leitor é o responsável pela atualização dos textos, visto que é através dele, leitor, que se tem a garantia e a historicidade das obras literárias. Também as autoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar defendem o processo do método recepcional de leitura como sendo uma alternativa metodológica que promove uma leitura significativa ao leitor. Segundo as pesquisadoras a aplicação do Método Recepcional abre novas perspectivas no ato de ler.

4.2 Os horizontes de expectativas

A presente pesquisa se fundamenta nas teorias da Estética da Recepção com o intuito de formar o leitor crítico e ao mesmo tempo encontrar alternativas de leitura que atendam às necessidades dos alunos como uma atividade prazerosa com mais competência para ler e compreender obras literárias como *O Quinze* e *Vidas secas*.

Evidentemente, a participação do professor é fundamental nesse processo. É ele quem proporcionará ao leitor, por meio de promoção de debates e discussões, a possibilidade de compreensão dessas informações, para que as mesmas sejam interiorizadas e fundidas com os conhecimentos e vivência e visão de mundo do aluno. Ao estabelecer esse contato com o mundo do outro através do texto literário, o leitor passa a construir sentido para o que lê. Quanto mais forem as leituras, mais interação haverá do leitor com o texto. Trabalhar com esse método também promove à cumplicidade entre alunos e professor para que o ambiente de trabalho promova o surgimento da criatividade.

As Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa e Literatura apontam o encaminhamento metodológico do Método Receptional proposto por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar. Esse método é dividido em cinco etapas, a saber:

- Determinação do horizonte de expectativas.
- Atendimento do horizonte de expectativas.
- Ruptura do horizonte de expectativas.
- Questionamento do horizonte de expectativas.
- Ampliação do horizonte de expectativas.

4.3 Determinação do horizonte de expectativas

Para se determinar o horizonte de expectativas do leitor é preciso que o professor descubra através de material de leitura e de diversos modos e ritmos de leitura, quais são os horizontes de expectativas desses leitores para elaborar estratégias de ruptura e transformação desses horizontes, lembrando que se faz importante para o aluno o contato com diversos gêneros textuais. Com alguns questionamentos é possível o professor trabalhar as preferências, as crenças, os modos de vida, os valores morais e sociais valorizando sempre as condições concretas de comunicação literária.

4.4 Atendimento do Horizonte de Expectativas

Nessa etapa, já tendo determinado o horizonte de expectativas, é o momento de atender essa expectativa. Assim, com o resultado do levantamento realizado na etapa anterior é preciso que sejam proporcionadas aos alunos experiências com textos literários que venham satisfazer suas necessidades. Essa escolha precisa levar em conta textos que correspondam ao que os discentes esperam.

4.5 Ruptura do Horizonte de Expectativas

Para a ruptura do Horizonte de Expectativa o professor vai introduzir textos e atividades que abalem as certezas e as convicções dos alunos. Devendo, no entanto, partir de textos que possam dar continuidade aos textos já trabalhados na etapa anterior dando condições para que os próprios leitores percebam o estranho no que aparentemente já se suponha conhecer. Nessa etapa o trabalho de escolha precisa propiciar aos alunos a possibilidade de perceber que ingressaram em um terreno novo, onde talvez se sintam inseguros, mas não a ponto de rejeitarem a experiência de leitura proposta. Esses novos textos precisam apresentar aos alunos visões de mundo ainda desconhecidas ou recursos literários mais complexos, de preferência que seja dada continuidade na temática trabalhada anteriormente.

4.6 Questionamento do Horizonte de Expectativas

Depois de trabalhadas as três primeiras etapas cabe ao professor o processo de encaminhamento dos questionamentos, momento em que os alunos/leitores já terão condições de refletir sobre o trabalho desenvolvido até o momento. Com a ajuda do professor eles farão comparações a respeito do progresso e da aprendizagem escolar, das vivências pessoais que lhes foram proporcionadas através das etapas anteriores. Com isso eles poderão julgar e questionar as próprias participações, as discussões e os conhecimentos adquiridos e ter consciência das mudanças ocorridas no seu aprendizado sobre o ensino de literatura, e mais, avaliar o seu próprio crescimento.

4.7 Ampliação do Horizonte de Expectativas

De acordo com o Método Recepcional, a última etapa do processo é uma retomada do método. A vantagem é que trabalhadas as etapas e feitas as reflexões, os alunos/leitores terão seus horizontes de expectativas cada vez mais ampliados. Isso fará com que o conhecimento literário seja cada vez maior. Os alunos podem buscar novos horizontes e iniciar novas expectativas com os interesses atuais.

Ampliar o horizonte de expectativas significa buscar novas leituras e novos textos, os quais satisfaçam as exigências levando os alunos a um constante questionamento, cada vez mais conscientes sobre a literatura e a vida.

5. METODOLOGIA

Metodologia, no sentido literal é a ciência integrada dos métodos. A metodologia não procura as soluções, mas ela contribui com a explicação minuciosa e detalhada da ação desenvolvida no método para abordar determinados problemas. É a metodologia que embasa o conhecimento dando ferramentas para o desenvolvimento de uma proposta de ensino.

5.1 Proposta metodológica do Método Recepcional

Uma abordagem possível do Método Recepcional está na proposta realizada com alunos do ensino médio do Colégio Estadual Douradina na modalidade Ensino por Blocos. A proposta metodológica foi aplicada nas aulas de literatura no período matutino no segundo semestre de 2010.

Para possibilitar situações de leitura literária como atividade relevante no ensino médio, o primeiro passo foi aguçar a curiosidade dos discentes para as obras que seriam trabalhadas, no caso, *Vidas Secas* e *O Quinze*. Os alunos foram instigados com questões bem simples e claras a respeito das obras. A partir daí as atividades foram voltadas para a relação do tema ou para os tópicos relacionados com a vida cotidiana.

Para determinar o horizonte de expectativas dos alunos/leitor, foram feitos alguns questionamentos (oralidade) com relação à experiência de leitura dos mesmos, bem como, foi observado e analisado cada indivíduo segundo o seu

comportamento, suas reações e expressões durante os debates, ou outras atividades, como jogos, dramatizações praticadas em sala de aula. Esse proceder teve a função de despertar e aguçar a curiosidade dos educandos para o tema regionalismo.

Na sequência, foram mostradas algumas imagens da seca, mesmo tema da canção *Asa branca* para ilustrar a aula e oportunizar o envolvimento dos alunos no debate.

Em seguida estão apresentadas algumas questões que foram elaboradas e trabalhadas para movimentar os educandos quanto às questões de leitura.

- a) Você gosta de ler? O quê? Por quê?
- b) Cite alguns textos que você já leu?
- c) Você tem dificuldade de ler e compreender um texto? Por quê?
- d) Quais assuntos você prefere ler? Por quê?
- e) Você gosta de música? Quais? Por quê?
- f) Você ouve música que trata da realidade brasileira? Quais?

Levando em conta a turma, a série e o período, foram feitos outros questionamentos apropriados para que a discussão fosse enriquecida, ou seja, iniciou-se essa etapa descontraindo a turma e determinando o horizonte de expectativas do leitor. Para isso foi apresentada a canção de Luís Gonzaga, *Asa Branca*. O texto foi o ponto de partida para o início das atividades. Os alunos foram incentivados a acompanhar e interpretar a letra da música.

Os questionamentos foram feitos na oralidade com relação à experiência de leitura do gênero “canção popular” observando e analisando cada indivíduo segundo o seu comportamento, suas reações e expressões durante os debates em sala de aula.

Na sequência foram mostradas algumas imagens com o mesmo tema da canção para ilustrar a aula e oportunizar um debate mais rico. Para isso foram elaboradas algumas questões que oportunizaram aos alunos uma participação efetiva na atividade.

- a) Qual o gênero de música que você mais gosta?
- b) A qual gênero você acha que pertence essa canção *Asa branca*? Por quê?
- c) O que mais chamou sua atenção nesse texto? O assunto abordado? A maneira/forma como foi escrito?

- d) Como você classificaria a forma desse texto? Por quê?
- e) Em gênero textual o texto foi escrito? Por quê? Comente.
- g) A forma de linguagem em que o texto escrito prejudicou a leitura e o entendimento da mensagem? Por quê?
- h) É possível fazer uma previsão do “todo”, ou seja, do lugar representado nas imagens? Que elementos poderiam comprovar? Por quê?
- i) Comparando a letra da música com as imagens, a que conclusão é possível chegar? Justifique.

Para facilitar o trabalho cópias da letra da música foram impressas e distribuídas aos alunos, o texto também ficou disposto na TV Multimídia (Tv *pendrive*). Da mesma forma, um vídeo vídeos com a interpretação da canção foi veiculado na TV e imagens enriqueceram o trabalho e facilitaram a interpretação dos estudantes.

ASA BRANCA

Composição: Luiz Gonzaga / Humberto Teixeira (choro regional popularmente conhecido como baião)

1-Quando oiei a terra ardendo
com a fogueira de São João
Eu perguntei, a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

2-Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de prantação
Por falta d'água perdi meu gado
morreu de sede meu alazão

.....
4-Hoje longe muitas légua
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Para mim vorta pro meu sertão

5-Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração



IMAGEM 2 – POMBA ASA BRANCA
FONTE: WIKIPEDIA (2008)



IMAGEM 3 - SECA NO CEARÁ I
FONTE: DIÁRIO DO NORDESTE (2010)



IMAGEM 4 - SECA NO CEARÁ II
FONTE: DIÁRIO DO NORDESTE (2010)

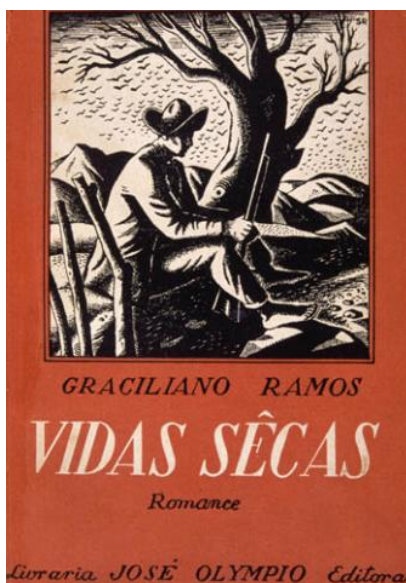


IMAGEM 5 – CAPA DO LIVRO VIDAS SECAS

FONTE: O AUTOR (2010)

Com o objetivo de ler e interpretar o capítulo “Mudança” da obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, foi feita a leitura oral do capítulo com atividades de leitura e compreensão do texto com a intenção de prender a atenção do leitor e promover um debate acerca do tema seca. Também o momento foi oportuno para um estudo a respeito do texto ficcional e dos elementos da narrativa (o narrador, o foco narrativo, a ação, o tempo, o espaço e as personagens).

Nessa etapa, deu-se início à leitura propriamente para mostrar que alguns livros ajudam o leitor a compreender a vida, a si mesmo e, acima de tudo, ajuda a pessoa a ter mais liberdade político-cultural. Esse é um capítulo que prende a atenção dos leitores pelo fato de as personagens passarem dificuldades no enfrentamento da seca no sertão nordestino. A partir da leitura foram promovidas atividades que auxiliaram na compreensão do texto como debates ou jogos competitivos.

Nas primeiras discussões os alunos buscaram comparações a partir de música e das imagens anteriormente estudadas e que abordaram o tema seca. Foram feitos diversos questionamentos orais em relação ao texto lido. As questões abordadas foram:

- a) O fato narrado no texto assemelha-se ao real? Por quê?
- b) É possível encontrar uma família como a de Fabiano? Comente.
- c) O texto apresenta um personagem narrador ou uma conta a história?

d) O que você achou dessa história? O que ela provoca? Raiva, pena, indiferença...

e) Quantas são as personagens do texto? Todas representam pessoas? Comente.

f) Quais referências sobre tempo, espaço, ambiente, na história você observou?

Com o objetivo de estudar as questões de leitura voltadas para as obras *Vidas Secas* e *O quinze*, foram desenvolvidas atividades instigantes para que os educandos rompessem seus horizontes de expectativas. A proposta foi a leitura da obra, na íntegra. Essa etapa exigiu um esforço maior dos leitores, visto que a maioria deles ainda não tinha lido nenhum romance inteiro. Porém, mesmo sabendo que essa atividade ia demandar algum tempo, os alunos perceberam o quão ela seria importante, naquele momento, e mais sentiram-se ingressando num campo desconhecido. Foi um momento de desafio. A ajuda do professor foi fundamental no auxílio, com incentivos para que não se sentissem incapazes e rejeitassem a experiência na busca de novos conhecimentos.

Foi sugerido o tempo de uma semana para que todos lessem a obra, mas nesse período, durante as aulas foram feitas algumas paradas para questionamentos de como os leitores estavam se saindo nessa nova etapa. Através de algumas perguntas como: Como a obra é narrada? Primeira ou terceira pessoa? Comprove com passagens do texto. A obra é composta de quantos capítulos? Quais? Como os capítulos se ligam? O livro é uma só narrativa? Comente. Com questões assim já se podia saber como os alunos estavam se saindo como novos leitores. Os questionamentos foram importantíssimos para que os alunos percebessem a predominância do discurso indireto livre e que na narrativa se percebeu uma intimidade grande entre narrador e personagem. Percebeu-se também que isso acontece nos monólogos interiores ou reflexões de pensamento das personagens Fabiano e Sinhá Vitória e até mesmo da cachorra Baleia. O narrador foi outro ponto importante de discussão, visto que ele foi entendido pelos leitores como sendo onisciente ou talvez como testemunha, já de tudo sabia. A quantidade de capítulos e como eles se relacionam no todo da obra foi também bastante questionado. Os alunos entenderam que mesmo os capítulos sendo independentes eles têm uma certa ligação quando repetem os temas como a

paisagem árida e a “zoomorfização e a antropomorfização” Fabiano meio bicho e a cachorra é meio gente.

As descrições das personagens, como elas são apresentadas foi ponto de discussão. Percebeu que o narrador apresenta uma personagem de cada vez. Descreve Fabiano à semelhança de bicho, espinhaço curvo, pés duros, cambaio, feio. Os pensamentos fragmentados das personagens e seus problemas de linguagem. Em relação aos aspectos físicos, não se encontrou muita coisa de Sinhá Vitória e dos dois meninos. No entanto, se sabe que o sonho dela era ter uma cama de varas. *Vidas Secas* apresenta uma dramática descrição de pessoas que não conseguem se comunicar. Vivem juntas, mas não desenvolvem nenhum diálogo. O espaço dos acontecimentos também mereceu atenção. Percebeu-se que a terra é áspera, dura e cruel, mas em nenhum momento deixa de ser amada pelos que ali habitam. Em uma das aulas os alunos foram levados ao laboratório de informática para selecionar algumas imagens da internet que conversasse o espaço que se percebido na obra. Viram que o Nordeste brasileiro está representado no espaço descrito por Graciliano Ramos, ou qualquer outro lugar onde haja seca. Notou-se aí que Graciliano não se distanciou da tradição regionalista, apresentou a região do árido Nordestino com suas plantas regionais, como o mandacaru. O tempo percebido na leitura dos capítulos foi visto entre as duas secas. No primeiro capítulo “Mudança” e no último, “Fuga”. É quando vem uma nova seca e se dá a nova retirada da família em busca de um lugar no mundo. Um ponto de fundamental importância na leitura foi a percepção da denúncia social percebida na obra. Os leitores sofreram um pouco junto com as personagens. O autor organiza de tal modo a narrativa que narrador fez com que a realidade penetrasse no pensamento, na carne e na alma do leitor e ele sentiu cada um dos membros da família de Fabiano. Com isso o autor pôde mostrar de forma brutal a discriminação, a cultura e a realidade do sertanejo nordestino. A discussão foi rica ao se perceber que os membros da família são alegorias, ou seja, representam o sertanejo nordestino, ignorante e resignado diante da realidade cruel que aconteceu e ainda acontece naquela região.

A partir das discussões feitas foi possível afirmar que o romance *Vidas Secas* é uma obra que pertence ao gênero regionalista porque descreve uma realidade social e um espaço tipicamente Nordestino na forma da tradição. Uma comprovação dessa afirmativa se deve ao registro de nomes e termos regionais presentes na

narrativa ao fazer um retrato real e cruel das relações sociais, claramente feudais que imperavam no Nordeste do Brasil na época dos acontecimentos narrados pelo autor.

Durante os debates acerca das questões de leitura de *Vidas Secas* foi possível refletir sobre o regionalismo presente nessa obra.

A etapa que mais marcou os educandos e que, portanto, lhes foi mais significativa foi a do questionamento do horizonte de expectativas, isso porque o momento promoveu um debate oralidade a respeito da obra lida.

Os alunos comentaram os capítulos do mais fácil de entender ao mais complexo para eles. Os temas dos capítulos também entraram em questão. No momento foram retomadas partes do texto para uma leitura cuidadosa, para que os alunos pudessem recuperar o “não dito”. Foi um momento em que o aluno/leitor pôde exercitar novas articulações mentais. Um dado importante foram as pesquisas feitas a partir da leitura. Os alunos fizeram pesquisas sobre o tempo de escrita do romance de Graciliano Ramos e perceberam que em relação às questões políticas e econômicas, uma séria crise estava acontecendo no mundo. As pesquisas revelaram que tudo começou com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque. Isso provocou a crise cafeeira. No Brasil a situação foi marcada pela Revolução de 1930 e pelo acelerado declínio do nordeste. A partir daí surge um novo estilo ficcional chamado de moderno, marcado pela rudeza e por uma linguagem bem brasileira. O novo estilo, chamado romance de 30, dava um enfoque direto aos fatos empregando mais liberdade à temática. O período produziu grandes obras e escritores como Américo de Almeida (*A bagaceira* - 1928), Raquel de Queiroz (*O Quinze* - 1930), José Lins do Rego (*Menino de Engenho* - 1932), Jorge Amado (*Cacau* - 1933) e Graciliano Ramos (*São Bernardo* - 1934).

Ainda seguindo os passos de leitura sugeridos por Bordini e Aguiar, passou-se para a última etapa que é a ampliação do horizonte de expectativas. Para essa ampliação os alunos escolheram através da leitura de resumos de outros romances regionalistas na internet, a obra *O quinze* de Rachel de Queiroz.



IMAGEM 6 – CAPA DO LIVRO O QUINZE
 FONTE: O AUTOR (2010)

A partir dessa escolha, foi possível notar e confirmar nesse contexto, o pensamento de Jauss (1994), a respeito das leituras realizadas pelos alunos. Ao discutir as questões de leitura o pensador deixa explícito que o valor de uma obra literária decorre da percepção estética que desperta no leitor, ao mesmo tempo em que contraria a expectativa do leitor. É preciso acreditar que a leitura de obras literárias possibilita a emancipação da sociedade ampliando os horizontes de expectativas dos leitores.

É bom lembrar que a realização dos passos propostos por Bordini e Aguiar não pode ser um ponto final, mas o início de uma nova aplicação do método, que precisa evoluir como a um espiral de forma que permita ao aluno se perceber como leitor mais consciente em relação a uma obra literária e à sua vida real.

4.2 A tecnologia como suporte pedagógico

As ferramentas tecnológicas estão promovendo melhorias significativas na comunicação e conseqüentemente auxiliando alunos e profissionais da educação no processo de ensino e aprendizagem. Embasado em um bom planejamento e em uma seleção prévia da tecnologia o professor, hoje, tem condições muito favoráveis que permitem a ele fazer a integração do cidadão nas tarefas profissionais e sociais.

5.3 PENDRIVE

O pendrive ou *flash drive* é um dispositivo de memória. Uma espécie de CD-ROM com formato parecido com uma caneta, por isso o nome “*pen*”, que pode armazenar uma grande quantidade de dados com conexão USB (músicas, textos, vídeos, imagens, etc). Os dados e as informações desses dispositivos podem ser transferidos e visualizados na tela da TV e do microcomputador. Hoje, já existem pendrives com capacidade de armazenar até 32 GB. O pendrive veio para substituir os disquetes, com a grande vantagem de não riscar e ser usado milhares de vezes. É prático e ainda é a mídia portátil mais rápida da atualidade na gravação e leitura dos dados.

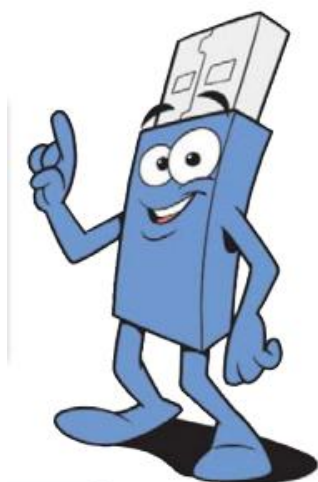


IMAGEM 7 - PENDRIVE
FONTE: PORTAL DIADIAEDUCAÇÃO (22/12/2010)

5.4 TV- Multimídia(Tv-Pendrive)

A mídia é um elemento importante na democratização da educação. A TV Multimídia ou Tv pendrive é um importante projeto de mídias na educação do Estado do Paraná que prevê um televisor de 29 polegadas - com entradas para VHS, DVD, cartão de memória e pen drive e saídas para caixas de som e projetor multimídia - para todas as salas de aula da rede estadual de educação. A Tv pendrive é um dos recursos que podem complementar e apoiar o processo de ensino-aprendizagem.

O pendrive e a Tv multimídia foram suportes importantes para o desenvolvimento da proposta, visto que possibilitaram o armazenamento das

imagens bem como a veiculação dos vídeos e áudios utilizados durante as aulas. Os recursos tecnológicos sem dúvida complementaram e apoiaram o processo de ensino-aprendizagem de literatura literária para o ensino médio. Ao permitir a troca eficaz de informação como a interação através da indagação e do debate, os objetos utilizados garantiram acessibilidade e enriqueceram o processo didático-pedagógico. Portanto as diferentes ferramentas de mídias representaram mais do que mera transmissão de informação. A inserção desses recursos propiciou a construção do conhecimento.



IMAGEM 8 - TV MULTIMÍDIA
FONTE: PORTAL DIADIAEDUCAÇÃO (22/12/2010)



IMAGEM 9 – ALUNOS EM SALA DE AULA
FONTE: O AUTOR (2010)

A tecnologia tem um papel fundamental na construção de saberes. Logo é preciso incorporar as novas mídias e valorizar seu uso nas escolas tanto pelos professores, alunos e funcionários. O uso de diferentes linguagens de mídia na

escola pode ser um caminho para promover mudanças de atitudes e de metodologias de trabalho de ensinar e aprender.

Não se pode negar que é um desafio, no entanto a escola hoje, não pode mais estar alheia à integração das diferentes tecnologias ao seu currículo, visto que a prática pedagógica ao fazer uso desses mecanismos, presentes na maioria das escolas, estará atendendo cada vez mais pessoas, nos mais diferentes locais, bem como facilitando o aprendizado dos alunos. O uso das mídias nas várias disciplinas, com certeza tem trazido ganhos para a prática pedagógica, na Língua Portuguesa, por exemplo, percebe-se que as mídias têm um importante papel na expressão oral e escrita, na elaboração, interpretação e compreensão de textos na correção ortográfica, é também é um suporte de peso na leitura de imagens e ampliação do vocabulário entre outras. Mas é bom lembrar que apenas fazer uso das mídias não basta para a formação desse leitor crítico e criativo. Planejar é um ponto chave nesse processo.

Utilizar a tecnologia como o computador, a TV – multimídia, internet, o rádio, o vídeo, etc, para se comunicar, solucionar dificuldades e para reunir, organizar e compartilhar informações em sala de aula é de fundamental importância para o professor e para o aluno. Todo esse suporte oferece ao docente e aos discentes um ambiente mais crítico e criativo e, portanto, propício à aprendizagem. O computador em sala de aula (Laboratório de Informática) possibilita a exploração de muitos recursos como os Blogs, diários eletrônicos, chats, e-mails, entre outros.

Hoje, disponibilizar a tecnologia para a para a classe como as apresentações em Power Point tornam as aulas mais proveitosas colaborando para com o trabalho de aprendizagem dos conteúdos.

O uso das mídias na educação nas atividades docentes na elaboração de atividades e nas pesquisas são seguramente mais eficazes, visto que possibilita a concretização de objetivos através de respostas imediatas, despertando o interesse dos alunos que desenvolvem um conhecimento significativo, logo um bom planejamento e uma seleção prévia da tecnologia pode contribuir para a efetivação da qualidade desses recursos no ambiente escolar.

Para desenvolver esta proposta de leitura literária “O Regionalismo nas obras *O Quinze* de Rachel de Queiroz e *Vidas Secas* de Graciliano Ramos” sem dúvida os suportes tecnológicos foram fundamentais. Nesse contexto, o sucesso da proposta metodológica apontada pelas autoras Maria da Glória Bordini e Vera

Teixeira de Aguiar se deveu ao suporte tecnológico utilizado durante o desenvolvimento tanto da pesquisa que embasou este TCC, bem como da aplicação da proposta em sala de aula quando os alunos puderam fazer suas pesquisas, assistir aos vídeos, pesquisar os temas abordados, criar e salvar imagens, ler os textos virtuais, trocar informações, entre outros recursos utilizados no decorrer das atividades práticas e teóricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o valor do trabalho da leitura literária em sala de aula, é importante dizer que a tecnologia deu suportes importantes para os questionamentos das duas obras. As imagens captadas da internet, os fragmentos de textos das obras, os questionamentos e atividades organizados e disponibilizados na TV – multimídia favoreceram uma melhor associação com o real. Com isso os alunos puderam perceber que Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, através da literatura apresentam a seca e suas consequências para o povo.

O uso dos recursos tecnológicos significou um avanço para as atividades cotidianas da sala de aula para alunos e professor, visto que possibilitou uma transformação no espaço escolar proporcionando melhores interações na superação dos desafios diários da escola. A tecnologia permitiu que aluno não fosse passivo, mas um sujeito ativo e controlador da sua própria aprendizagem. Todos os recursos que foram utilizados propiciaram mais qualidade nas imagens, trouxe acessibilidade aos textos e mais informações do assunto estudado. Tudo isso tornou possível uma interação com o outro e com a realidade, o que fez com que o educando fosse o construtor do seu próprio conhecimento.

Ficou evidente durante os debates das obras, que a denúncia está voltada para a falta de interesse político da nação e não apenas para um triste fenômeno da natureza, isso permitiu que fossem realizadas atividades práticas que resultaram na montagem do painel com imagens criadas pelos alunos com abordagem dos fatos discutidos nos dois romances, *Vidas Secas* e *O Quinze*, bem como a montagem de textos cordelísticos com os temas em questão: a seca, a sede, a fome, o cansaço, a fuga, o desespero.

Foi através do envolvimento com a literatura regionalista que os alunos puderam realizar leitura crítica do romance *O Quinze* e *Vidas secas* e *Vidas secas* e expressar seu conhecimento através da produção de textos críticos sobre assuntos tão polêmicos como preconceito, racismo, diferenças étnico-raciais, nacionalismo, sonhos fantasias, desrespeito, enfim, entender que através da literatura é possível ter uma visão mais crítica e discutir os problemas sociais e ainda pensar sobre seus próprios ideais de vida ampliando sua cosmovisão.

A partir dos resultados alcançados é possível afirmar que os estudos realizados foram de grande importância e pode contribuir para com o trabalho de

outros educadores, no entanto o tema pode e deve ser aprofundado principalmente com a inclusão da leitura de outras obras que possam enriquecer ainda mais essa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR e SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da literatura**. 4. ed. Coimbra: Almedina, 1982.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, Zarcillo. **A verdade das mentiras, Jornal da Cidade de Bauru - Opinião**. 10 out. 2010.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BOSI, Alfredo, **História Concisa da Literatura Brasileira**, São Paulo, Cultrix, 2ª ed., 1975.
- BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. **O universo do romance**. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 2v. 8ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- CHIAPPINI, Ligia. **Dez teses sobre o regionalismo na literatura**. São Paulo: USP, 1995a.
- _____. **Reinvenção da catedral**. São Paulo: Cortez, 2005b.
- CASSIANO, Luzia de Queiroz. **Romance Regionalista e Denúncia Social**. Projeto PDE. Maringá: UEM, 2009.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DCEs. **Diretrizes Curriculares da educação Básica de Língua Portuguesa**. 2009.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1983.
- ISER, Wolfgang. **O Ato da Leitura: uma teoria do Efeito Estético**. V. 1 e 2. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MALARD, Letícia. **Escritos de literatura brasileira**. Belo Horizonte: Comunicação, 1981.
- MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. Vol. II. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

_____. **A literatura portuguesa**. 34ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHÜLER, Donaldo. **Teoria do Romance**. São Paulo: Ática, 1989.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola: pesquisas x propostas**. 2ª. Ed. São Paulo: Ática: 2002.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

STIERLE, Oliver. *Que significa a recepção de textos ficcionais?* **In: A literatura e o leitor, textos de estética da recepção**. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Ed. Paz e Terra, 2002.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria Literária**. 9ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Patagioenas_picazuro_854.jpg
Acesso em 20/10/2008

Disponível em: <http://dvdvirgem.files.wordpress.com/2009/03/3095021.jpg> Acesso em 25/03/10.

Disponível em: <http://revistadeletras.files.wordpress.com/2009/06/vidas-secas-cap-1c2aa-edica.jpg> Acesso em 25/03/10.

Disponível em: <http://letras.terra.com.br/luiz-gonzaga/47081/> Acesso em 20/04/2010.

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Graciliano_Ramos Acesso em 27/06/2010.

Disponível em: <http://www.diaadia.pr.gov.br/tvpendrive/modules/mylinks/index.php>
Acesso em 27/06/2010.

Disponível em:
<http://www.diaadia.pr.gov.br/tvpendrive/modules/mylinks/viewcat.php?cid=14> Acesso em 27/06/2010.

Disponível
www.diaadia.pr.gov.br/tvpendrive/modules/mylinks/viewcat.php?cid=14&letter=V
28/06/2010

Disponível em <http://www.icnet.com.br/detalhe_opiniao.php?codigo=193586>
Acesso em 20/12/2010.

Disponível em:
<http://www.diaadia.pr.gov.br/tvpendrive/modules/noticias/article.php?storyid=42>
Acesso em: 22/12/2010.

Disponível em: ALVES, Antônio Carlos

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=881992> Acesso em:
22/12/2010.

Disponível em: <http://www.dicionarioaurelio.com/Metodo> Acesso em 22/12/2010

Anexos

Anexo 1

Biografia – Graciliano Ramos

A 1ª Imagem que segue mostra o escritor Graciliano Ramos e José Olympio (por trás), Cândido Portinari na casa do escritor, Rio de Janeiro, 1952, já a 2ª é uma tela de Cândido Portinari, intitulada Criança Morta, que faz parte da série sobre os retirantes nordestinos.



IMAGEM 10 – GRACILIANO RAMOS, JOSÉ OLYMPIO E CÂNDIDO PORTINARI
 FONTE: FONTE: PORTAL DIADIAEDUCAÇÃO (27/06/2010)



IMAGEM 11 – CRIANÇA MORTA DE CÂNDIDO PORTINARI
 FONTE: PORTAL DIADIAEDUCAÇÃO (27/06/2010)

Graciliano Ramos viveu os primeiros anos em diversas cidades do Nordeste brasileiro. Terminou o segundo grau em Maceió, seguiu para o Rio de Janeiro, onde passou um tempo trabalhando como jornalista. Voltou para o Nordeste em setembro de 1915 e fixou-se em Palmeira dos Índios, Alagoas. Nesse mesmo ano casou-se com Maria Augusta de Barros, que morreu em 1920, deixando-lhe quatro filhos. Foi

eleito prefeito de Palmeira dos Índios em 1927. Ficou no cargo por dois anos, renunciando a 10 de abril de 1930. Os relatórios da prefeitura que escreveu nesse período chamaram a atenção de Augusto Schmidt, editor carioca que o animou a publicar *Caetés* (1933).

Entre 1930 e 1936 viveu em Maceió, trabalhando como diretor da Imprensa Oficial e diretor da Instrução Pública do estado. Em 1934 publica *São Bernardo*, foi preso em decorrência do pânico insuflado por Getúlio Vargas após a Intentona Comunista de 1935. Com ajuda de amigos, entre os quais José Lins do Rego, consegue publicar *Angústia* (1936), considerada sua melhor obra.

Foi libertado em janeiro de 1937. As experiências da cadeia, ficariam gravadas em uma obra publicada postumamente, *Memórias do Cárcere* (1953).

Em 1938 publicou *Vidas Secas*. Em seguida estabeleceu-se no Rio de Janeiro, como inspetor federal de ensino. Em 1945 ingressou no antigo Partido Comunista do Brasil. Realizaria algumas viagens a países europeus com a segunda esposa, Heloísa Medeiros Ramos, retratada no livro *Viagem* (1954). Ainda em 1945, publicou *Infância*, relato autobiográfico.

Adoeceu gravemente em 1952 e faleceu em 20 de março de 1953, aos 60 anos, vítima de câncer do pulmão.

Anexo 2

Biografia de Rachel de Queiroz

Rachel de Queiroz é cearense de Fortaleza. A escritora nasceu no dia 17 de novembro de 1910. Aos cinco anos já lia José de Alencar de quem era meio parente por parte da avó materna. Juntamente com sua família a menina vai para o Rio de Janeiro fugindo da seca 1915. Algum tempo depois volta ao Ceará onde se forma professora no Colégio Imaculada Conceição. A princípio não mostrava seus escritos a ninguém, mas o trabalho de colaboradora de jornal, organizando a página de literatura fez com que ela se sentisse mais segura e começasse publicar seus textos. Durante sua recuperação com suspeita de tuberculose foi que Rachel, sem ter muito o que fazer, escreveu sua obra *O Quinze* em 1930. Em março de 1931, recebe no Rio de Janeiro o prêmio de romance da Fundação Graça Aranha. Casa-se com o poeta José Auto da Cruz Oliveira, em 1932. Nasce em Fortaleza sua filha Clotilde 1933. Em 1935 muda-se para Maceió onde faz amizade com Jorge de Lima, Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Em 1939, separou-se do marido e mudou-se para o Rio, onde publicou seu quarto romance, "*As Três Marias*". A escritora publicou muitas outras obras como *A beata Maria do Egito*, *O Menino Mágico*, *Dôra*, *Doralina* entre outras. Em 1977 Rachel de Queiroz se torna a primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras. Rachel faleceu no dia 4 de novembro de 2003 vitimada por problemas cardíacos no Rio de Janeiro poucos dias antes de completar 93 anos.

Anexo 3

VIDAS SECAS - RESUMO

No romance *Vidas Secas*, Fabiano é nordestino, pobre, marido de Sinhá Vitória, pai de dois filhos. Passa por grandes dificuldades a procura trabalho, bebe muito e perde dinheiro no jogo. É um homem que possui grandes dificuldades linguísticas, mas tem consciência dessas dificuldades. O fato de não se expressar bem faz com que ele se identifique melhor com os animais. A narração nessa obra de Graciliano Ramos, se dá em terceira pessoa, com narrador onisciente, com os discursos, na maioria das vezes, indiretos livres. É através dos monólogos interiores que o narrador revela o interior dos personagens. É dessa forma que o foco narrativo ganha destaque quando traduz em palavras os anseios e pensamentos das personagens. Em relação ao tempo, a narrativa acontece entre duas secas. A primeira é do primeiro capítulo “Mudança” que traz a família para a fazenda. Fuga, o último capítulo, é quando acontece a segunda seca e que leva a família para o Sul. Quanto ao tempo, pode-se dizer que, mesmo possuindo algumas referências cronológicas, o tempo na obra é psicológico e circular. A personagem Sinhá Vitória assim como os filhos, é personagem secundária, é saudosista e passa boa parte do tempo recordando de acontecimentos antigos. No primeiro capítulo ela é despertada de seus sonhos pelo grito do papagaio e tem a ideia de transformá-lo em comida para matar a fome da família. A cachorra Baleia fica com os ossos e os pés. O espaço na narrativa refere-se ao sertão nordestino, o qual é descrito com precisão pelo autor (a terra seca, a caatinga). O enredo começa com a fuga de uma família nordestina fugindo da seca do sertão sem aspirações nem esperanças de vida. Sinhá Vitória e Fabiano não se conformam com a situação miserável. O sonho dela era ter uma cama de couro como a de Tomás de Bolandeira. Também faz parte da família a cadela Baleia e os dois filhos, o mais novo que sonhava ser como o pai e o mais velho que desejava ter um amigo. Depois da longa caminhada, a família decide ficar em uma fazenda abandonada, onde Fabiano é contratado pelo dono da fazenda como vaqueiro. Durante esse período, Fabiano vai ao comércio local comprar mantimentos e acaba bebendo. É convidado por um policial para jogar baralho. Durante o jogo acontece uma desavença e Fabiano é preso maltratado e

humilhado. Isso faz aumentar em Fabiano a insatisfação com o mundo e com sua própria condição de homem rude. Solto, ele continua sua vida na fazenda. Sinhá Vitória, que é mais esperta do que o marido, desconfia da honestidade do patrão nas contas do salário. Na festa de Natal na cidade, eles se sentem humilhados por diversas pessoas. A cachorra Baleia adoece e Fabiano precisa sacrificá-la. Sentindo-se enganado, Fabiano vai falar com o patrão, mas este o ameaça de despejo. Fabiano fica indignado, mas se retira sem ação. Numa ida à venda Fabiano encontra o Soldado Amarelo que o agrediu e o prendeu, Fabiano pensa em matá-lo, no entanto não foi capaz da ação e acaba ajudando o soldado que estava perdido a voltar para a cidade. No final da história, a seca volta a atingir a região e a família foge novamente. Desta vez eles vão em direção ao Sul em busca da cidade grande. Partem sem destino e sem esperança.

Anexo 4

O QUINZE- RESUMO

Escrito de forma simples e enxuta, mas muito envolvente, o romance *O Quinze* de Rachel de Queiroz publicado em 1930, assim como *Vidas secas* de Graciliano Ramos traz a seca e a fome como temas principais foi escrito numa época em que a seca a tudo seca, até os amores. Com essa obra a autora contribuiu de forma significativa para com a literatura brasileira, visto que também mostra através de um drama social a realidade de um país atrasado e bruto em que se percebe a solidariedade nos momentos de maiores dificuldades por aqueles que já não têm nada. A paisagem é desoladora. O sol asqueroso contribui para com o sofrimento dos seres vivos abandonados à própria sorte.

Chico Bento e sua família seguem, assim como Fabiano e Sinhá Vitória em busca de comida e trabalho. O enredo apresenta uma mulher a frente do seu tempo, Conceição, cuja relação afetiva com Vicente não vingou justamente pela diferença entre os dois. Vicente era um rude criador de gado e ela uma moça culta que gostava de ler, era professora.

A parte que mais chama a atenção da narrativa é a marcha trágica da família de Chico Bento, ele, a mulher e os cinco filhos. Nessa travessia pelo sertão, o filho mais novo morre envenenado ao comer mandioca “braba”, outro filho desaparece. A família chega à periferia da cidade e fica alojada em um verdadeiro campo de concentração. Não tinha mais o que comer nem o que chorar tanto era o sofrimento por que passava. Na tentativa de encontrar comida Chico Bento mata uma cabra que encontrou solta nas redondezas do acampamento. Não sabia que o bicho tinha dono. Ficou apenas com as vísceras do animal e o nome de ladrão. Depois de muito padecimento ele consegue uma passagem e embarca para São Paulo.

Rachel explora o regionalismo falando de sua terra natal, o Ceará, do povo sofrido diante da chuva que não chega. Assim como *Vidas secas*, *O Quinze* é um romance que traz a denúncia de graves problemas da seca que afligem a vida das pessoas e iguala tanto as ricas como as pobres. Na obra, a autora não pretendeu dar uma lição de vida, mas mostrar como a vida é na realidade.

